

# POR TERRAS E ÁGUAS DE SANTA CATARINA NO SÉCULO XVIII COM O BARÃO DE BÖHM

Maria Regina BOPPRÉ

(Nome dos mais expressivos de entre os inúmeros estrangeiros que se puseram a serviço do Brasil na segunda metade do século XVIII é o do alemão João Henrique Böhm, nascido em Bremen a 20 de junho de 1708 e falecido no Rio de Janeiro a 22 de dezembro de 1783. Diversos estudiosos de nossa história militar dele se ocuparam (Francisco de Paula Cidade, Lucas Boiteux, Souza Docca, Simões de Paula...), como também dele se ocuparam quantos cuidaram das relações teutobrasileiras (Sommer, Oberacker, Abeillard Barreto...) Este último arrolou quantidade considerável de originais deixados pelo ilustre militar, todos redigidos em francês, além de vasta correspondência com o Marquês do Lavradio, Vice-Rei do Brasil na época de maior atividade de Böhm. Todos os seus originais encontram-se na Biblioteca Nacional (Barreto, **Bibliografia Sul-Riograndense**, I, 164-168. Rio de Janeiro, Cons. Fed. de Cultura, 1973). Todos os que dele cuidaram salientam as qualidades que lhe propiciaram a qualificação de verdadeiro fundador do Exército Brasileiro. Do mais importante de seus trabalhos, extraíu e traduziu a autora a parte relativa a Santa Catarina, a exemplo do que já fizera anteriormente com o navegador inglês Andrews, conforme publicação neste mesma revista, nº 127, pp. 197-201, jul-set 1987. (Nota da Redação).

\*

“(...) todavia, só com muita cautela deve o viajante fazer o seu juízo sobre a terra e a gente”.

(R. Avé-Lallement, 1858)<sup>1</sup>

Encabeçamos este artigo com frase de conhecido viajante alemão, em sua **Viagem pelo Sul do Brasil em 1858**, porque, após tecer duras considerações sobre Lages, ele próprio reconhece que tais julgamentos po-

(1) Avé-Lallement, R. — **Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858**, p. 81. Trad. Teodoro Cabral. Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1953.

dem ser circunstanciais. Porém, na verdade, os relatos que nos deixaram os viajores estrangeiros, sejam eles visitantes ocasionais ou tenham vindo para o Brasil com objetivo definido ou, mesmo, por mera curiosidade, devem ser considerados independentemente de época e local. Esses relatos, incorporados, analisados e articulados a outras fontes (ou, quiçá, por si sós), poderão fornecer subsídios importantes à nossa historiografia. Vimos, por exemplo, as ponderações feitas pelo Capitão J. Andrews, entre outros, sobre o modo afável de o desterrense tratar os escravos, de como viviam e o paraíso que lhe pareceu a Ilha de Santa Catarina.<sup>2</sup>

Outro observador estrangeiro, que acreditamos pouco difundido entre nós, o Tenente – General João Henrique de Böhm, deixou-nos suas impressões registradas nas *Memóires relatifs à l'expédition au Rio Grande, 1776-1779*", das quais tivemos ocasião de traduzir uma parte, acompanhando a autenticidade do texto, aliás – cabe observar – escrito num francês não muito correto, o que se explica por não ser o autor de nacionalidade francesa.<sup>3</sup>

Militar alemão, de Bremen (1708-1783), João Henrique de Böhm foi contratado em 1762 pelo Marquês de Pombal para reorganizar o exército português. Em 1767 foi nomeado por D. José I tenente-general e comandante das tropas do Estado do Brasil. Tornou-se, assim, segundo Carlos H. Oberacker Jr., o verdadeiro criador do Exército Brasileiro, circunstância reconhecida por Varnhagen. Em 1776, recuperou a região do Rio Grande de São Pedro, desde 1763 ocupada pelos espanhóis, e, com a cooperação do sueco Jacques Funck, também a serviço do Brasil, foi incumbido da modernização das fortificações do Rio de Janeiro.<sup>4</sup>

De seu diário, traduzimos a parte relativa à viagem de 1774 e 1779. De imediato, percebemos as duras críticas que faz à exploração das pessoas do campo, por uma "meia dúzia de sanguessugas" (p. 18), pela falta de pagamento e pelas farinhas que lhe eram tiradas! Por outro lado, "quase estoura de rir" (p. 17), ao visitar o então Governador, o qual, guardando o leito por doença, o recebe deitado, mas vestido com o seu "grande uniforme", peruca, espada, etc., e o saúda com voz rouca e elevada, "como os escudeiros têm por hábito falar com os cavalos". Não deixa de elogiar, contudo, o Governador Francisco Antônio da Veiga Cabral, qualificando-o como bom companheiro e gentil-homem "bem diferente de seus antecessores" (p. 228). Como militar, não poupou censuras

(2) Boppré, M. Regina – *A Ilha de Santa Catarina na visão de um navegador inglês do século XIX*, em "Notícia Bibliográfica e Histórica", nº 127. Campinas, Pont. Univ. Cat., 1987.

(3) Böhm – *Mémoires...*, em Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul", Inst. de Geografia e História Militar do Brasil, vol. III, pp. 16-19 e 224-229. Rio de Janeiro, 1979.

(4) *Dicionário de História do Brasil*, org. Brasil Bandecchi et alii, 4ª ed., pp. 82-83. São Paulo, Melhoramentos, 1973.

às nossas fortalezas, considerando a grande diferença entre quem as projetou e quem as fez construir.

Mas, vamos ao seu próprio relato:

“No dia 5 de dezembro de 1774, às 7 horas da manhã, levantamos âncora e deixamos o porto do Rio de Janeiro; tivemos ventos favoráveis e chegamos, todas as quatro naves, a 10 do mesmo mês ao ancoradouro da Ilha de Santa Catarina, onde ancoramos. Não se poderia ter feito viagem mais agradável, nem encontrar um ‘homem do mar’ mais polido, atencioso e amável que o comandante de nossa nave, o senhor Tristão da Cunha de Menezes, coisa que é tanto mais a admirar, quanto que de berço dos mais ilustres de Portugal.

Como as tropas devessem passar às embarcações pequenas para serem transportadas para a vila de Laguna, não perdi tempo em ir à residência do governador da Ilha, a fim de com ele combinar os meios.<sup>5</sup> Chamava-se o governador Francisco de Souza Menezes e havia servido na Cavalaria, onde seu último posto fora o de Capitão da Guarda a Cavalos do Primeiro Ministro, Conde de Oeiras, que, em recompensa, lhe conferira este governo, para o qual, contudo, não demonstrava muita propensão, antes uma grande vontade para se retirar. Entretanto, pareceu-me ele um homem muito honrado. Sou-lhe grato pela assistência que me deu, ainda que uma erisipela o detivesse no leito. Os destacamentos de Moura, Bragança, o de Artilharia e o Parque embarcaram em sumacas no dia 13 ao anoitecer e largaram velas no dia 14 para a vila de Laguna, onde chegaram no dia seguinte. Posteriormente, determinei que o regimento de Estremos pudesse seguir dentro de poucos dias e resolvi transportar-me por terra, com os principais oficiais que tinham vindo comigo, conforme escrevi ao Vice-Rei.

Durante a minha estadia nesta Ilha, utilizei as horas desocupadas para passear pelos arredores da vila de Nossa Senhora do Desterro, residência dos Governadores e aproveitei a ocasião para ver algumas das fortalezas vizinhas, que só inspiram respeito pelo título que levam. Vistas

(5) **Nota do autor:** “Tão, abordando a Ilha, encontros tão risíveis que não saberia omiti-los. Ventava muito, de modo que o bergantim do Governador não podia abordar de frente ao ponto de desembarque e se viu obrigado a procurar um lado, onde se encontravam quatro velhas peças de ferro, preparadas, com as quais deviam me saudar; com efeito, os artilheiros foram tão hábeis, que não falhou nenhum dos seis primeiros tiros, que nos atingiram diretamente no rosto e cujas rolhas atearam fogo em nossas vestes. Vieram, em seguida, os Senhores do Senado (Câmara), que quiseram me arengar à força; questionei com eles com relação a um dossel que não podiam transportar por causa do vento e quiseram me obrigar a marchar sob ele. Escapei com bastante dificuldade e fui ao Palácio; conduziram-me diretamente ao quarto do doente; quase estourei de rir vendo o meu Governador estendido no seu leito; os pés embaixo das cobertas, vestido com o seu grande uniforme; uma peruca muito empoadada, chapéu, espada e bengala com punho de ouro na mão e duas tabaqueiras diante dele, e fazendo-me cumprimentos com um tom de voz elevado e rouco, como os escudeiros têm por hábito falar com os cavalos” (p. 16/17).

de perto, são bem pouca coisa e se encontram a tal ponto esparsas, que é difícil de se fazer uma idéia do plano de defesa de quem primeiro as fez construir e de quem o tenha projetado.

O campo desta Ilha parece muito risonho. As cabanas, com as hortas que ali se vêem, mesmo sendo tão pobres, tem um ar de ordem e de limpeza que prova o gosto dos habitantes pela vida campestre e sua inclinação para a lavoura, mas, a queixa geral é: que se lhes tiram os meios; levando os seus filhos para o serviço militar (onde eles esmorecem por falta de pagamento e de vestimenta regular), e obrigando os pais a trabalhar em as obras públicas (sem lhes dar a mínima coisa), e na corvéia, de maneira que a terra, ainda que fértil, pouco produz.

Na vila de Nossa Senhora do Desterro se manifesta ainda mais a miséria e o abatimento dos pobres habitantes; não se vê nenhuma casa boa ou que pareça acabada, nem rua pavimentada, nem igreja própria. Até o palácio tem um ar muito lúgubre. Os moradores se ocupam com a pesca, fazem tecidos e toalhas em pequena quantidade e muito pouco de comércio. Seus trabalhos, do mesmo daquelas pessoas do campo, corresponde à utilidade e a vantagem de uma meia dúzia de sanguessugas que, em proveito próprio, sabe se apossar. Dos pobres camponeses se lhes tiram as farinhas para abastecer a Colônia, prometendo o pagamento.

Tendo feito embarcar com as tropas tudo o que podia me causar embaraço, agradei ao Governador pela hospitalidade e passei, a 16 de Dezembro, à Ponta de Araçatuba, donde, logo após continuei minha rota para Laguna, que está a 13 léguas<sup>6</sup>.

Como os habitantes ao longo da costa têm a comodidade de se comunicar por mar, sendo extremamente pobres, não tomam nenhum cuidado com o caminho da terra; de sorte que desde o riacho de Imbau até Vila Nova, que são mais de oito léguas, há muitos transtornos nas passagens da montanha de Siriu (?) e dos Morrinhos; há perigos a superar. Nestas passagens é necessário servir-se de mulas do próprio país, que já estão habituadas a trepar nestas montanhas; têm o casco pequeno e duro e colocam as patas com uma assombrosa circunspecção. Quase me custou caro ter recusado um desses pequenos animais e montado um bom cavalo do meu ajudante de campo. De Vila Nova o caminho vai pela costa até uma boa légua de Laguna, onde dela se separa e onde se encontram areias tão profundas que os cavalos se afundam até o colo e parecem nadar nelas. Esta passagem é extremamente perigosa quando o vento sopra forte.

(6) Nota do autor: "Os engenheiros que têm elaborado planos para a Ilha de Santa Catarina divergem de tal forma entre si, que nos levam a confusões. Anexo o plano do ajudante de engenheiro, D. Miguel Blasco; não que se possa responder pela sua exatidão, mas este oficial (enviado em último lugar) permaneceu na Ilha durante alguns anos e foi muito auxiliado pelo governador, que o estimava e tudo lhe propiciou para facilitar sua tarefa." (p. 18)

Cheguei no dia 18 a Laguna; os Destacamentos de Moura e de Bragança haviam saído de lá pela manhã, tinham passado o riacho e haviam ido acampar em Garopaba, onde há um armazém del Rey. Esta vila deve o seu estado presente à invasão dos espanhóis em 1763. Os portugueses deste continente, tendo perdido o riacho e conseqüentemente a comunicação por mar com a Ilha de Santa Catarina e Rio de Janeiro, se serviram, depois deste caminho de Laguna. É por causa desta passagem contínua e de seu comércio, que se mantêm os habitantes desta vila e, regularmente bem.

No segundo dia de minha chegada, veio o Loco-tenente de Dragões Manuel Marques, enviado pelo Governador Jozé Marcellino, com a especificação das carroças, dos bois e dos cavalos que se encontravam em Garopaba, para a condução das tropas e da artilharia. Era muito pouco, de parte de um e de outro, em comparação com o costume que havia de se prover para as marchas, num país deserto, onde há que se levar tudo consigo, porque não havia onde recorrer; nem vila, nem aldeia, nem aldeola, desde Laguna até a margem do Rio Grande, perto de cem léguas de caminho; nem albergue de nenhuma espécie. Foi necessário, servir-se, porém, do que havia e não perder tempo.

A região não podia oferecer mais vantagens, tendo sofrido muito no começo deste mesmo ano, pela marcha do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, do Destacamento da Cavalaria e da Infantaria Ligeira, do Major Gaspar José de Mattos, Ajudante de Campo do Vice-Rei e do retorno do último destacamento, no mês de maio, depois de quarenta dias de campanha.<sup>7</sup>

Vi-me, na necessidade de retirar mais da metade da bagagem, que deixei em Laguna, a cargo do Comandante Manoel Gonçalves Leite, para enviá-la por mar ao Rio Grande. Estas occupaões e ainda a de passar a artilharia à Garopaba, por água, tomaram-me nove dias, durante os quais o Regimento de Estremos me alcançou e, somente no 28º dia pude partir de Laguna. De tudo isto dei parte ao Vice-Rei. Os Destacamentos de Moura e de Bragança, que eu tinha feito marchar alguns dias antes de Garopaba, ficaram detidos dois dias de marcha: o riacho de Araranguá estava tão cheio e sua correnteza tão rápida que não pudemos passar". (pp. 16-19)

\*

(7) Nota do autor: "Para o retorno do Destacamento do Major Gaspar José de Matos, que marchou a 19 de abril, da margem do Rio Grande a Garopaba, em 25 dias, contava-se com um major, dois capitães, três loco-tenentes, três alferes, três furriéis, nove cabos, dois cornetas, um tambor, cento e um dragões (dos quais sessenta montados), cinqüenta e nove infantes, um cirurgião, um ferreiro e um seleiro, — tudo num total de 188 homens. Forneceram-se 17 charretes, com cerca de quatrocentos bois, isto é, três mudas de reserva para cada dez bois; 330 cavalos e 60 bois para a alimentação, fora a farinha de mandioca. Destaque-se que, para a volta, nem se pediu nem se deu jamais tanto; houve uma espécie de dispositivo segundo o qual se forneceu, para a condução das bagagens: um brigadeiro — duas charretes; um coronel — uma charrete; um tenente-coronel e um major — uma charrete; três capitães — uma charrete. O mais, conforme as circunstâncias".

Passando, agora, à outra parte do diário, que é de 1779, encontramos o seguinte<sup>8</sup>.

“1º – Passei o rio Araranguá,<sup>9</sup> a Barra Velha, o arroio de Urussanga e cheguei até o armazém de Garopaba, donde enviei parte de minha pequena bagagem, por água.

2º – Marchei por terra, deixando o Morro de Santa Marta, à direita, à Barra de Laguna onde embarquei e cheguei ao meio-dia à vila.

3º – Aí me detive porque os cavalos, as mulas e as cadeirinhas não puderam passar senão, a noite, por causa do vento contrário. Tendo encontrado neste porto uma sumaca, fiz embarcar nela toda nossa bagagem, que passarão com os da Brigada do Marechal Chichorro, por mar, à Ilha de Santa Catarina. Escrevo ao Governador da Ilha, participando-lhe minha chegada e as medidas que eu tinha tomado para continuar minha marcha para a sua residência.

4º – Saí de Laguna pela Vila Nova e cheguei à noite em Miraquera.<sup>10</sup>

5º – Passei pelos bosques de Miraquera de Garopaba, pelos Morrinhos; o monte Siriu, atravessei o rio d’Imbau e cheguei perto da noite à Ponta de Araçatuba, onde embarquei e cheguei às 11 horas da noite à Vila de Nossa Senhora do Desterro, onde não encontrei o Governador, que havia partido para me procurar e reservara alojamento muito bem guarnecido para todo o meu séquito.

O Governador chegou no dia seguinte pela manhã e convimos muito facilmente sobre os meios de fazer marchar as tropas à Ponta de Araçatuba, que até antes tinha me parecido impraticável; as tropas tinham passado sempre pelo mar de Laguna à Ilha e nós não tínhamos naves. Porém, o Governador tendo aceito minhas sugestões, tomou todas as medidas com o zelo e a atividade que todos lhe reconhecem, de maneira que todas as dificuldades desapareceram. Os habitantes da Capitania da Ilha não têm cavalos nem mulas para tais transportes; tornei a ver o capitão Simão Soares em Laguna, para conduzir, de lá, as duas Brigadas de Infantaria com os cavalos e mulas do Rio Grande do Sul, tendo avisado o Marechal Chichorro deste arranjo.

Estando de partida para o Rio de Janeiro uma corveta transportando os portugueses recambiados de Buenos Aires para o Rio Grande do Sul, aproveitei para escrever ao Vice-Rei.”

Inserese neste ponto das Memórias de Böhm a “Lettre 51”, por ele escrita ao Marquês do Lavradio, então Vice-Rei do Brasil. Pela

(8) Mémoires..., pp. 224

(9) No original: Araraiguá.

(10) O autor certamente alude a Ibiraquera, perto de Vila Nova (Ibituba).

quantidade informações que encerra, julgamos oportuna sua tradução e transcrição.

Senhor:

Em virtude das ordens de Vossa Excelência contidas em sua carta de 27 de outubro, com uma apostila de 5 de dezembro do ano passado, que recebi dia 21 à noite, me pús, em primeiro lugar, a conciliar as coisas, de sorte que o restante das tropas da expedição que se encontrava na vila de São Pedro pudesse passar o rio no dia seguinte e o Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga pudesse marchar no dia 23 para Laguna, com o Regimento de Bragança e o Primeiro do Rio de Janeiro.

Imediatamente escrevi ao Marechal Chichorro determinando que marchasse assim que recebesse minhas ordens, para Laguna, com os regimentos de Moura e de Estremos. Avisei ao Governador da Ilha de Santa Catarina desta marcha, em consequência da qual todas as naus de transporte que Vossa Excelência gostaria de enviar à Ilha deveriam permanecer para receber as tropas que viriam. Também dei conhecimento das ordens de Vossa Excelência ao Governador José Marcelino.

Dia 23 passei a fronteira do norte e a 24 me pús a caminho com os oficiais de meu quartel, o Brigadeiro Roncaly e o Capitão-Tesoureiro, reencontrando no dia 27, em Barros Vermelhos, o Loco-Tenente Pedro da Silva, enviado pelo Governador da Ilha com quarenta contos de réis. A distribuição se fez documentadamente, de sorte que todas as tropas que ainda se encontravam no continente do Rio Grande pudessem ser pagas igualmente: os oficiais, até março de 1778; os oficiais-inferiores, até o final do mesmo ano. Fiz pagar, no dia seguinte, à Cidreira, a porção competente do mesmo dinheiro para a farinha que não havia sido recebida; à Brigada do Marechal Chichorro e fiz retornar o Capitão-Tesoureiro para atender à Brigada do Brigadeiro Veiga e para amortizar algumas dívidas indispensáveis e gritantes na vila de São Pedro.

Quanto a este dinheiro ter sido agradável às tropas, não tenha Vossa Excelência nenhuma dúvida. Para que ele não volte a encontrar dificuldades na marcha, eu o alcancei e cheguei a 5 de janeiro, à noite, na Ilha de Santa Catarina. Como Vossa Excelência conhece o atual Governador, seria supérfluo dizer que tudo foi transportado em pouco tempo. As duas brigadas marcharam por terra de Laguna até a Ponta de Araçatuba, onde serão distribuídas nos quartéis no continente até o seu embarque para esta Capital.<sup>11</sup> Somente o Regimento de Bragança entrará na Ilha. Nesta Capitania, há farinha e bois.

Aqui não encontrei senão a fragata "Princesa do Brasil". Aproveitei para satisfazer minha impaciência em ir apresentar cum-

(11) O autor refere-se, naturalmente, ao Rio de Janeiro.

primentos a Vossa Excelência; como ela pode ainda transportar algumas tropas, farei embarcar comigo duas companhias do Regimento de Estremos e o próprio Marechal.

O Marechal Funck virá com as últimas tropas e o sr. Betamio me pediu para permanecer mais algumas semanas na vila de São Pedro, afim de liquidar todas as contas e poder informar com mais precisão o que parecer convir aos interesses de Sua Majestade.

Antes de minha partida do Rio Grande, despachei a pequena fragata "Bellona" e o corsário "Dragão", prontos para içar velas para essa Capital com o primeiro vento favorável. As duas embarcações levam a artilharia e seu destacamento, como já tive a honra de informar. Os enfermos e as bagagens dos Regimentos de Moura, de Estremos e do Primeiro do Rio de Janeiro seguirão na sumaca denominada "Laranja", para o Rio e aqueles do Regimento de Bragança, virão numa outra, em direção a esta Ilha.

Já havia feito marchar para a Ilha de Santa Catarina os militares que se encontravam entre os prisioneiros de guerra, portugueses, remetidos de Buenos Aires; eles aqui chegaram e serão conduzidos a essa Capital pelo Capitão Proença. Suponho que já tenham chegado cinco soldados sentenciados, entregues ao Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos, a menos que este tenha ficado detido no Rio Grande.

Posto que não terei a satisfação de ver o Senhor Governador, de quem recebi uma carta de despedida, espero, todavia, que ele encontre lá tudo em ordem, quanto ao aspecto militar; e sobretudo que respeite os interesses ulteriores de Sua Majestade. O Sr. Betamio poderá lhe dar mais esclarecimentos e tirar as dúvidas. Pelo meu cálculo, o Marechal Chichorro deve ter chegado a 10 em Laguna e poderá chegar com as duas companhias, a 14 ou 15, na Ponta de Araçatuba, onde poderá embarcar antes e, neste caso, eu também me dirigirei para bordo da fragata. Se o vento favorecer, poderemos partir dia 17 e espero desfrutar um pouco do prazer de assegurar à Vossa Excelência, pessoalmente, a devoção e o mais profundo respeito, com o qual tenho a honra...

Vila de Na. Sra. do Desterro, 11 de janeiro de 1779.

Esta carta foi remetida ao Capitão Proença na mala postal do Governador. Na sumaca iam 139 prisioneiros portugueses, vindos de Buenos Aires, todos militares. Aos primeiros, de Proença, se tinham juntado mais 16 que haviam sido transportado pelo Alferes Freitas, tendo permanecido aqui alguns dos primeiros, pertencentes ao regimento desta Ilha.

No período que decorreu desde minha chegada até a do Marechal Chichorro com as suas duas companhias, tive oportunidade de percorrer com o Brigadeiro Governador Francisco Antônio da Veiga Cabral

(gentil militar, companheiro bem diferente de seus antecessores) os arredores de sua residência, os fortes e os armazéns que os espanhóis restituíram como os haviam encontrado. Aqui também se encontra parte dos uniformes dos Regimentos de Moura e de Estremos. Os soldados do Regimento da Ilha tinham todas as armas guarnecidas de latão, como nos regimentos da Europa e numa casa foram encontradas cerca de 400 armas do mesmo modelo, que as tropas fugitivas haviam jogado aqui e ali, nas florestas por onde se debandaram.

Dia 13, chegou o Marechal Chichorro à Ilha; dia 14, as Companhias de Estremos chegaram na Ponta de Araçatuba e dia 15, na vila; dia 16, passaram a bordo da fragata e à noite chegou a sumaca com a bagagem de Laguna; e ao amanhecer do dia 17, também estive a bordo com os oficiais de meu quartel.

O gentilíssimo Governador, que teve durante minha estadia infinitas atenções para comigo, bem como para com todos os que me acompanharam, desejou ainda me conduzir à bordo da fragata, que se encontrava ancorada a mais de quatro léguas de sua residência, e pôs neste embarque toda a solenidade imaginável. O capitão-de-mar-e-guerra Tomas Stevens nos recebeu da melhor maneira possível e dispensou-nos as mesmas atenções durante toda a viagem.

No dia 18, ao amanhecer, lançamos a vela e chegamos, após uma navegação aborrecida, por bonanças e ventos contrários durante quatorze dias. Dia 31, à noite, no Rio de Janeiro, o Marquês do Lavradio me recebeu com maiores demonstrações de contentamento, de atenção e de amizade. O próprio povo pareceu testemunhar a satisfação pelo nosso regresso.”<sup>12</sup>

\*

A correspondência oficial do Barão de Böhm com o Vice-Rei Marquês do Lavradio, como vimos, deixa transparecer uma narrativa ágil, realista e detalhada, até a minúcia, da sua expedição. O estilo ressalta pela sua elegância e bom humor que não vacilamos em qualificá-lo de aristocrático. Realismo, crítica e bom humor que não pendem, porém, como em outros viajantes, para a deformação e o sarcasmo. Ao contrário, faz-se acompanhar de um senso humano solidário e simpático com os pobres pequenos camponeses que ficam à margem e no pano de fundo de sua épica jornada.

(12) Böhm, *Mémoires...*, pp. 16-19 e 224-229.